

A modernização na Baía de Sepetiba (RJ): qualidade de vida para quem?



Nome: Izânia Maria Calixto

Orientador: Augusto César Pinheiro da Silva

Introdução:

A Baía de Sepetiba tem se mostrado uma região do Rio de Janeiro de grande relevância no contexto da expansão da cidade do Rio de Janeiro, pois a população carioca cresce na direção da Zona Oeste, ampliando as demandas sociais, econômicas e infraestruturais. Neste sentido, os bairros de Sepetiba e Santa Cruz, bem como outros bairros da Zona Oeste se adequam a nova necessidade de ampliação no contexto geral do município. Como recorte espacial, optamos por trabalhar os bairros de Sepetiba e Santa Cruz que se localizam às margens da Baía de Sepetiba nosso ponto focal devido as mudanças e transformações ocorridas nos últimos anos. A Baía de Sepetiba possui importância histórica, social e cultural para o Brasil e também para o Estado do Rio de Janeiro. Sua importância histórica diz respeito a alguns acontecimentos da história do Brasil onde até hoje, mantém sua importância como posto de vigília em frente à Base Aérea de Santa Cruz para garantir a soberania nacional, sua importância também está diretamente ligada à pré-história indígena, como observado através da presença de sambaquis na região. Sua importância social e cultural dizem respeito ao modo de desenvolvimento da região, ocupada tradicionalmente por famílias de pescadores tradicionais que sobreviviam da pesca local e também do turismo que era uma atração a mais desta região devido a boa qualidade e beleza das praias do entorno, o que já não é mais visto frente as atividades industriais e a ausência de saneamento básico.

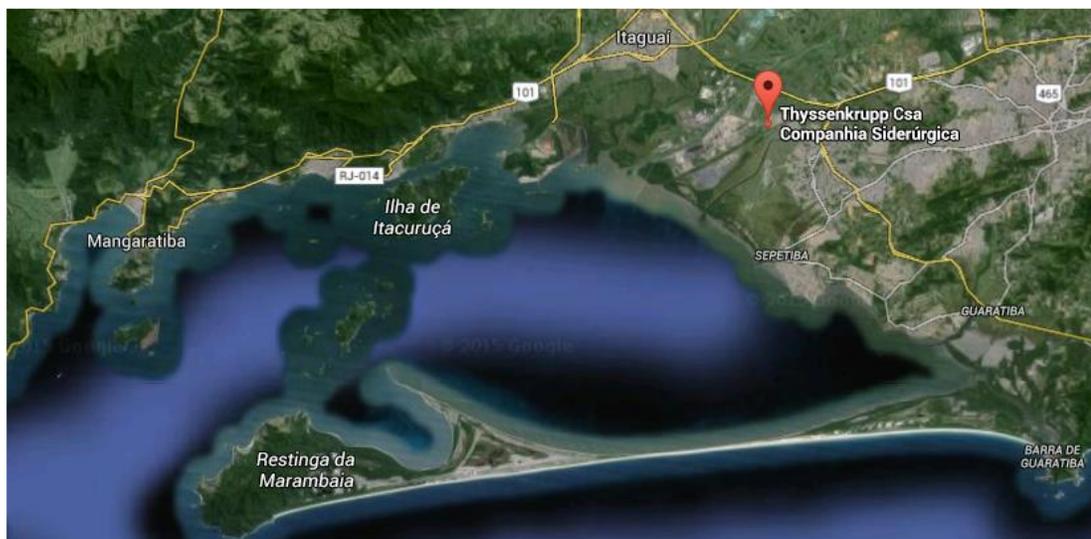
O entorno da Baía de Sepetiba tem recebido grandes investimentos industriais como a instalação de um megaporto (o Porto de Itaguaí) e indústrias pesadas como a

Companhia Siderúrgica do Atlântico- TKCSA a qual nossa pesquisa melhor se refere. Observamos que embora essa região seja o principal ponto de interesse de grandes investimentos e investidores (nacionais e internacionais) a população dos bairros ao redor não tem tido a mesma atenção e investimento das empresas que se localizam as margens da Baía de Sepetiba, os investimentos na área da saúde, saneamento ambiental e melhorias na qualidade de vida da população ‘não conectada com essa racionalidade modernizadora’ não têm sido ampliados. Ao contrário disso, o que tem sido percebido é uma grande deficiência no atendimento e prestação de serviços para populações que não têm o perfil da modernização em curso, recebendo esta, um tratamento secundário e até mesmo o descaso pelo poder público na região. Alguns exemplos desse descaso começam a aparecer ao longo da investigação em curso. Por exemplo, o número de doentes seja por contaminação da água, problemas respiratórios e de pele tem crescido na região (a partir dos dados obtidos junto às Secretarias Estadual e Municipal de Saúde), evidenciando assim uma má gestão de políticas públicas que contemplem, com competência, os problemas citados. Outro fator significativo em relação à queda de qualidade de vida na região se refere à destruição de patrimônio e de práticas sociais tradicionais, ao aumento das violências implícita e explícita e recuo nos padrões de acessibilidade dos moradores da região a serviços públicos essenciais, ao mesmo tempo em que milhões de dólares são gastos pelas esferas federal, estadual e municipal em prol da modernização daquele espaço regional do Rio de Janeiro. Destaca-se, mais uma vez, em relação à queda da qualidade de vida na região o enfraquecimento, e muitas das vezes, o abandono cultural dos pescadores tradicionais, porque a pesca que se constitui como uma forte característica identitária e econômica para a população de Sepetiba tem deixado de ser praticada devido à poluição das águas.

Nossa pesquisa pretende compreender como os processos de modernização no Rio de Janeiro afetam a natureza das dinâmicas espaciais na cidade, ao mesmo tempo em que serão identificadas as formas de participação social e política de grupos sociais afetados pelas mudanças estruturais que impactam a sua qualidade de vida, a partir das transformações e investimentos em curso. Além disso, buscamos por meio dessa entender o fenômeno da periferização (segundo Bonduki; Rolnik, 2011) de bairros tradicionais da Zona Oeste do Rio de Janeiro (Sepetiba e Santa Cruz, entre outros) que refletem a degradação da Baía de Sepetiba ganhando assim relevância nas discussões espaciais, tendo em vista que são bairros com grande potencial turístico, econômico e de lazer, porém mais à margem da cidade do Rio de Janeiro por questões de ordem história, mas que comunga de uma proximidade regional que os afasta, ao mesmo tempo, dessa identidade moderna e desenvolvida.

Localização:

Recorte espacial da área de estudo demarcando os bairros de Sepetiba e Santa Cruz onde se localiza a CSA e a Baía de Sepetiba.



fonte: relatório PACS

Baía de Sepetiba: Pólo Industrial

O entorno da Baía de Sepetiba possui um histórico de ocupação industrial antigo com os distritos industriais e abertura do Porto de Itaguaí (antigo Porto de Sepetiba), Fazenda Botafogo, Campo Grande, Palmares, Paciência e Santa Cruz (ainda nas décadas de 1970 e 1980 aparecem as indústrias Cosíguia do grupo Gerdau, White Martins e a Casa da Moeda).

O Porto de Itaguaí possibilita uma forte articulação das empresas do entorno com o mercado externo, tanto para exportação como para importação de matéria-prima, o que sinaliza a grande importância da revitalização do antigo Porto de Sepetiba. Durante os anos de 1990 houve um declínio das atividades industriais em decorrência de acidentes ambientais na Baía.

A Companhia Siderúrgica do Atlântico e o Destino da Baía de Sepetiba

Ao longo das últimas décadas a Zona Oeste vem sendo palco de intensas transformações de ordem econômica e social e com isso, ampliam-se ainda mais as disparidades econômicas e sociais entre seus bairros. Desse modo, enquanto a Barra da Tijuca concentra sua economia no setor de serviços e apresenta altos indicadores de qualidade de vida, as outras áreas seguem concentrando elevados índices de pobreza. O fato

de a Zona Oeste apresentar áreas com grande pobreza, pouco urbanizada e uma população com baixo acesso à educação e à saúde, configuraria uma situação de baixa atratividade ao capital industrial. Mas, do ponto de vista dos grandes empreendimentos esses fatores se revertem numa atração a mais, tendo em vista que possibilita um menor custo operacional para os projetos.

A grande disponibilidade de terras ainda não completamente urbanizadas, que são vistas como “novas fronteiras” a serem abertas e a uma ampla rede de vias de transporte tanto ferroviário, rodoviário quanto aquaviário que facilitaria a logística da região torna a área bastante atraente. Comparada com outras regiões administrativas do Rio de Janeiro, a Zona Oeste (menos a Barra da Tijuca) possui índices inferiores de escolaridade, renda, saneamento básico, fornecimento de água, entre outros serviços. Este quadro contribui para que a mão-de-obra seja barata e pouco organizada, o que configura um elemento-chave para que as empresas escolham o local de implantação de seus empreendimentos. A população possui menores poderes políticos e econômicos para incidir nas decisões públicas sobre o território. Isso determina uma distribuição espacial desigual dos danos ambientais e dos riscos à saúde. Isso configura assim situações diretas de racismo ambiental ou injustiça ambiental, onde as populações mais empobrecidas ficam expostas a maiores riscos ambientais e à sua saúde, com o objetivo de manter um modelo de produção e de consumo que privilegia a parcela mais rica da sociedade.

A Companhia Siderúrgica do Atlântico é o primeiro projeto do bloco de megaempreendimentos portuário e industrial planejado para a Baía de Sepetiba nas últimas décadas. Foi lançado em 2006, esse conglomerado industrial é um projeto da Vale e da Thyssen Krupp, este empreendimento conta com o apoio dos governos municipal, estadual e federal por meio de financiamento direto de R\$ 1,48 bilhão do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social- BNDES e isenções fiscais. Antes de vir para o Rio de Janeiro, as empresas tinham a intenção de implantá-lo em São Luís do Maranhão, porém encontraram forte resistência e mobilização de ambientalistas, sindicatos, moradores, pesquisadores, religiosos e Ministérios Públicos articulados em um movimento chamado Reage São Luís que se manifestou contrário a instalação do pólo, fazendo com que as empresas envolvidas abrissem mão de seu plano de instalação naquele local. O Estado do Rio de Janeiro então negociou a vinda da siderúrgica para Santa Cruz, onde os trabalhos para a instalação foram iniciados em 2005. Desde então, os problemas ambientais e sociais causados pela TKCSA são vários e tornaram-se mais explícitos em 2007, com as obras de implantação. Sua inauguração aconteceu em 18 de junho de 2010 (MILANEZ et.al., 2011).

Seus impactos podem ser percebidos desde a destruição do potencial turístico, passando pela pesca, violação dos direitos trabalhistas, violação à saúde humana e desrespeito às práticas tradicionais do lugar.



Início da obra de implantação da TKCSA em 2006. (Fonte: ecodebate.com.br- acesso em 5/06/14)



Derramamento de materiais pesados na Baía de Sepetiba após problemas com o primeiro forno em funcionamento. (fonte: declaracaodesantacruz/desacato.info – acesso em 5/06/2014).



Chuva de “prata” em Santa Cruz (fonte: pacs.org.br – acesso em 18/07/15)

A chuva de “prata” foi ocasionada pelo armazenamento contínuo de ferro gusa em poços ao ar livre, os poços de basculamento, sem controle de afluentes gasosos por parte da empresa. Quando os alto fornos da TKCSA foi autorizado a aciaria não estava pronta, obrigando a colocar o ferro gusa nos poços ao ar livre sem controle das emissões. Com isso, a poluição gerada tem afetado diretamente os moradores do entorno que encontram suas casas constantemente empoeiradas, e mais que isso, tal poeira é extremamente prejudicial à saúde humana, causando irritações nos olhos, alergias respiratórias e problemas na pele.

Movimentos sociais contrários ao projeto

Uma grande parte da população local é contrária à implantação da empresa e mesmo com ameaças não se intimida. A maioria desses grupos estão ligados aos pescadores, moradores da região e professores que são diretamente afetados pelos danos causados pela atividade industrial. Essas associações, além de terem entrado na justiça contra a empresa promovem protestos para divulgar os crimes ambientais e sociais da TKCSA na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Organizações de pesca, organizações religiosas como o grupo fé e política e as pastorais sociais (Zona Oeste), entre outros.

Objetivo:

Mostrar que investimentos de modernização nos mais diferentes lugares devem ser implementados como projeto de desenvolvimento em vários níveis e escalas (loca, estadual e federal), porém que a população local e a do entorno seja ouvida para que suas necessidades e desejos também sejam respeitados, para que a sua qualidade de vida não seja degradada. Acreditamos que assim as sustentabilidades nas relações sociais, econômicas, políticas e ambientais possam ser mantidas. Além disso, busca-se resgatar a importância histórica, cultural, ambiental e social da Baía de Sepetiba e do seu entorno, visto que nos últimos anos essa área tem passado por um processo de desvalorização intensa.

Conclusões parciais:

Até o momento, as conclusões atingidas estão associadas às abordagens teórico-conceituais acerca do Rio de Janeiro, seus processos históricos e jurídicos de formação e ocupação territorial e as fases de modernização que afetaram(rão) a sua construção infraestrutural e sociológica. Assim sendo, a Baía de Sepetiba é uma periferia distante da core area da cidade e os efeitos dos seus atuais processos de modernização deixam a qualidade de vida dos cariocas ‘mais longínquos’ menos positiva afetando a cidade como um todo. Verificamos que se esta degradação continuar no ritmo atual, somente restarão fotografias da Baía de Sepetiba que mostrarão seu passado, bem como a cultura de seu povo que há muito foi esquecida. Por isso, a necessidade de estudos que contemplem a natureza das transformações espaciais no Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas:

- AMADOR, Elmo da Silva. **Baía de Guanabara: ocupação histórica e avaliação ambiental**. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.
- BONDUKI, Nabil; ROLNIK, Raquel. **Periferias**. São Paulo: FUPAM-FAUUSP, 1979.
- COELHO, Victor Monteiro Barbosa. **Baía de Guanabara: uma história de agressão ambiental**. UFRJ, 2010.
- MONTEIRO, Teófilo Carlos do Nascimento. Projeto integrado saúde, saneamento ambiental e condições de vida na área de implementação do complexo industrial portuário de Sepetiba. Escola Nacional de Saúde Pública- Fiocruz e Fac. de Engenharia- UERJ
- KATO, Karina; QUINTELA, Sandra. **TKCSA- Companhia Siderúrgica do Atlântico: Impactos e Irregularidades na Zona Oeste do Rio de Janeiro**
- KATO, Karina. **Relatório do Instituto de Políticas Alternativas para o ConeSul (PACS)**

